



ENSAIOS

Otimismo e Virtualidade

Johnny Virgil

A época do pensamento positivo, das intenções altruístas, do sonho perfeito já passou. A tecnologia permitiu que fosse criada uma miragem que prometia realizar o desejo antigo de engendrar um mundo dentro de outro mundo: a virtualidade. Mas essa miragem não vingou.

A virtualidade não deve ser entendida aqui como o transporte do concreto e cotidiano para o volátil e arbitrário, mas antes como uma tentativa de fuga, como a busca da paz, da segurança e da tranquilidade, que são obtidas basicamente por meio do previsível e do controlável. Saliento que a virtualidade é mais que uma mentira, uma ilusão ou um jogo de aparências; mais que uma mentira, porque os envolvidos chegam a acreditar na realidade inventada que vivenciam; mais que uma ilusão, porque a extensão da influência da virtualidade é maior, mais objetiva, menos subjetiva; mais que um jogo de aparências ou de máscaras, porque ludibriar não é a intenção única. A virtualidade tratada aqui é uma realidade superposta à outra realidade menos atraente, com preconceitos e limites de visão comuns aos sistemas políticos totalitários.

Convém ressaltar que o virtual não existe exclusivamente em função da tecnologia, mas também se manifesta com atitudes sempre definidas como humanas. É

preciso exemplificar. Ultimamente, tem-se percebido um movimento de exacerbação do pró-ativismo, do otimismo, da ambição, da liderança, qualidades pessoais que, com certa ingenuidade, têm sido requeridas de qualquer indivíduo “normal”. Tanto a projeção de um cenário positivo em extremo quanto a de um negativo por demais geram, no fim, a mesma problemática: a virtualização, que cobre a realidade como uma camada que atua tal qual uma lente, exagerando uns determinados aspectos e diminuindo outros, ou um filtro, impedindo o surgimento ou a aparição inesperada de elementos considerados prejudiciais, nefastos ao ideário da virtualidade.

É importante que não se confunda essa capa que tenta resolver os problemas reais por meio de visões do paraíso com a capacidade de abstração inerente aos seres humanos. A diferença entre esta e a visão otimista reside na omissão ou obliteração deliberada e consciente dos fatores contrários, quer por ignorância, quer por demagogia. Tal proposição unilateral não se coaduna com a ordem dialética, por não permitir sequer a existência das antíteses.

Certamente, refutarão que aqui se sugere a adoção de um comportamento negativista, pessimista. O objetivo não é esse. Os filósofos existencialistas entenderam o dilema da existência concreta (que parece cruel), mas não conseguiram dissociá-lo da incredulidade e da depressão. A náusea de Sartre não é senão o lampejo que confere ao indivíduo a capacidade de ver a nudez do mundo, das coisas, após o qual toda virtualização se torna ineficaz, ridícula na sua presunção primária de melhorar o mundo. Contudo, o exagero é inimigo de quem tece ponderações com base em valores. Por isso, não se espera um posicionamento totalmente oposicionista, totalmente contrário às abstrações.

Contudo, o posicionamento otimista puro é antinatural e não corresponde ao que se vê e se percebe no mundo das coisas e dos seres. Tome-se como exemplo o corpo

humano. Se todo posicionamento otimista tenciona alavancar uma mudança, o corpo humano não é “otimista” no sentido que se quer dar à palavra. O corpo humano é um sistema que permite adaptações às mudanças, não sem reflexão ou rejeição. Considere-se que uma farpa alojou-se no interior da pele. Ocorreu uma mudança no tecido; essa situação não é entendida como benéfica para o corpo; o corpo trata de expulsar a farpa. Parece claro que a farpa ativou o sistema de proteção do corpo, que a rejeitou porque não se adequava ao tecido, porque não havia nenhuma afinidade entre os dois elementos.

Tome-se outro exemplo. Um operador de máquinas perde o dedo enquanto trabalha; o dedo não pode ser reimplantado; no lugar do dedo decepado se forma uma cicatriz. Aqui o corpo reage de uma maneira distinta no tratamento às mudanças. Como percebe que o dedo foi perdido em definitivo, o corpo se rende à necessidade de adaptação e forma uma camada de proteção à volta da chaga.

Em ambos os casos, fica evidente que o corpo não poderia iludir-se quanto à atitude que deveria tomar para solucionar os dois problemas. Isso é ponderar e tomar decisões que levem em consideração o contexto, que não busquem alterar o ambiente por meio da indução altamente visionária, que despreza os entraves reais às ações.

Se o caso do corpo humano não foi suficiente, o das cidades o será. As cidades, mesmo as projetadas, não são habilitadas por seres perfeitos que repetem como robôs os mandamentos dos prefeitos e gestores. A insubmissão às leis, aos estímulos externos que tomam a forma de imposições, é uma característica dos sistemas emergentes, que se adaptam horizontalmente, não admitindo a existência do poder central comum às hierarquias. As cidades surgem, crescem e morrem não porque a vontade de uma pessoa foi soberana, mas apenas porque os habitantes, individualmente, assim o quiseram. Como o poder é, também, uma forma de sedução e toda forma de

sedução é, no fundo, o exercício da virtualidade, se a virtualidade proposta não estiver amparada pelo conhecimento da realidade da cidade, será paulatinamente ignorada. É possível que o mesmo ocorra com as leis, quando se baseiam em um ideal que não é aceito pela sociedade. Assim, as leis não serviriam para educar, mas, sim, para demonstrar o nível de discernimento e a ideologia de um povo, daí não poderem ser aplicadas universalmente.

O propósito deste ensaio era conjecturar sobre a validade do movimento atual que prega que tudo pode ser alcançado se houver pró-ativismo, otimismo, ambição, liderança, buscando alterar a realidade, mas ignorando os entraves que ela impõe. Otimismo puro e visionário não cria abstração, mas sim uma virtualidade que pretende permanecer imaculada – um grande objetivo que se esquece de que o poder não está no que se quer, mas no que se tem.

Assim, não é possível aceitar os posicionamentos unilaterais que se baseiam no “pensamento positivo” dos livros de auto-ajuda.

O positivo se define pelo negativo e vice-versa – pela relação que mantêm entre si. O bom jogador ganha o jogo não porque se ilude ou iluda o adversário, mas porque compreende a estratégia do oponente.